

O muito pelo pouco na poética de Régis Bonvicino

The much for the little in the poetry of Régis Bonvicino

Rogério Trindade dos Reis

Graduado em Letras pelo Instituto Federal Sudeste de Minas (2017).

E-mail: reismth@yahoo.com.br

Deivide Almeida Ávila

Graduado em Letras pelo Instituto Federal Sudeste de Minas (2017).

E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

Resumo: No presente artigo, faremos uma leitura do poema “O lixo”, do poeta Régis Bonvicino. Em tal escritura, podemos ler o significado literal de resíduos bem como conceber suas imagens com um olhar presente e atual para suas existências, como componentes em um meio urbano que habita o mundo real e que, não observado, ou seja, desdenhado, compõe também o cenário da vida social. Bonvicino, com uma autoinvestigação, demonstra a realidade racional das coisas, a transitoriedade dos fatos, da vida cotidiana. Em suma, o poeta é um *flâneur* que escreve o feio, o duro, o difícil, o horror contido em um cenário modernizado pelo crescimento urbano e industrial, com movimentações demográficas e avanços tecnológicos que marcam as novas culturas.

Palavras-chave: Régis Bonvicino. Autoinvestigação. *Flâneur*.

Abstract: In this article, we will read the poem "O lixo", by the poet Régis Bonvicino. In such writing, we can read the literal meaning of waste as well as conceive its images with a present and current look at their existences, as components in an urban environment that inhabits the real world and which, not observed, that is, disdained, also composes the scene of social life. Bonvicino, with a self-investigation, demonstrates the rational reality of things, the transience of facts, of everyday life. In short, the poet is a *flâneur* who writes the ugly, the hard, the difficult, the horror contained in a scenario modernized by urban and industrial growth, with demographic movements and technological advances that mark the new cultures.

Keywords: Régis Bonvicino. Self-investigation. *Flâneur*.

1 Considerações iniciais

Régis Rodrigues Bonvicino (1955), poeta, jornalista, tradutor e conferencista premiado, nasceu em São Paulo.

O poema “O lixo” pertence ao livro *Página Órfã* (2004-06), da antologia *Até Agora* (2010). Sobre tal obra, disse Hansen (2010, p. 519):

ATÉ AGORA reúne os livros de poesia que Régis Bonvicino produziu entre 1975 e 2006. O título tem as marcas contingentes do tempo que o determina: sai do presente, encaminha a leitura à memória da escrita, anuncia o futuro indeterminado da poesia e retorna para o presente, onde o leitor está, por enquanto. Cada um dos nove é livro individualizado e autônomo, documentando um momento particular da invenção do autor;

simultaneamente, no encadeamento dos momentos de cada um, acham-se as marcas diferentes dos tempos de uma voz singular [...] (grifos do autor).

Com tais proferidos do crítico, advimos que a escrita de Bonvicino é atemporal, que sua obra, específica e independente, está presente como uma arte singularizada poeticamente. O poeta lançou um olhar diferenciado para as artes, ocultando a visão romântica sobre o mundo, usando um pensamento em processo, procurando analogias e correspondências na relação entre os sentidos – isso é moderno.

Tendo como referencial para a poesia que lança olhar para o mundo moderno, destacamos o poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867), considerado uma figura central em suas investigações.

As mudanças no cenário urbano serviram de inspiração para Baudelaire (1996, p. 859), que diz que “extrair o eterno do transitório” é uma característica da modernidade, ou seja, o que está em voga, o que é real visível, o que é da época é que é o objeto verdadeiro de trabalho para um artista, porque não retratar a realidade é falsidade, pois, assim, o artista não estará mostrando o aspecto vital de acontecimentos reais em suas obras.

Ainda, para Baudelaire, extrair a beleza misteriosa que possa conter uma arte considerada feia cabe ao artista que está disposto a trabalhar, porque o clássico não abandona o clássico, mas falta originalidade no artístico de autores de um período que não retrata sua própria atualidade.

No poema “O lixo”, podemos ler a consciência de um poeta que mostra a percepção sensorial da cidade entre os cenários que a compõem. Nele, há uma autoinvestigação de acontecimentos cotidianos que são explicitados como uma forma de capturar a poética do mundo contemporâneo, observado de uma forma sistemática que refina a vida, o olhar poético. Assim, esse olhar poético fica por conta de um *flâneur*.

Segundo Baudelaire (1996, p. 170), o *flâneur* é aquele que se satisfaz por viver nas ruas, e acrescenta:

é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo (*sic*) sentir-se em casa onde quer que se encontre, ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente.

Então, de acordo com o teórico da arte francesa, o *flâneur* é um observador que capta, de forma sensível e verdadeira, o mundo, o cotidiano e o existente nesse; o corriqueiro, a vida passante, o que nos dá a sensação de completude, de existência das coisas; captações essas de quem habita com a multidão nas ruas.

Como arte que liberta, a poesia contemporânea de Régis Bonvicino não se escraviza em estereótipos convencionados por correntes que ditam normas que se fundem em estilos; é, pode-se dizer, uma poesia predominantemente urbana, que mostra a vida social, o cosmopolitismo.

Em uma entrevista a Raquel Cozer, no Jornal Estado de São Paulo, em 10 de dezembro de 2010, o poeta disse: “minha poesia foi um trabalho de concentração, de diálogo, de observação. De estar ligado a todas as coisas da cidade, das paisagens às artes plásticas. Sou um anti-Rimbaud [...]”.

Aí, Bonvicino declara seu estilo com uma escrita de uma poesia própria, que foge a convencionalismos literários que denominam técnicas.

2 Detrito na poética de Régis Bonvicino

O lixo

1. Plásticos voando baixo
2. cacos de uma garrafa
3. pétalas
4. sobre o asfalto

5. aquilo
6. que não mais
7. se considera útil
8. ou propício

9. há um balde
10. naquela lixeira
11. está nos sacos
12. jogados na esquina

13. caixas de madeira
14. está nos sacos
15. ao lado da cabine
16. telefônica

17. o lixo está contido
18. em outro saco
19. restos de comida e cigarros
20. no canteiro, sem a árvore,

21. lixo consentido
22. agora sob o viaduto
23. onde se confunde
24. com mendigos

(BONVICINO, 2010, p. 33)

O poema “O lixo” é distribuído em seis estrofes de quatro versos e rimas livres e demonstra fenômenos de massas que habitam o mundo real e têm significado, oferecendo um olhar presente e atual para tudo enquanto existe, desde os resíduos em seu significado literal que compõem o próprio detrito.

O título da obra já enuncia literalmente a descrição dos elementos que a compõem e o que está por vir de acordo com a visão do poeta.

Grotesco, sujo, podre, fétido, repulsivo..., vários são os sinônimos da feiura que evoca sensações nas pessoas, que buscam se distanciar do que não lhes traga prazer.

A situação com a qual se encontra o lixo está marcada com restos, pedaços, partes do que já compôs algo inteiro e de serventia, como “plásticos, cacos de uma garrafa e pétalas”.

Descrito com minúcias que o compõe, como os contidos dentro de um saco: um balde, caixas de madeira, restos de comida e cigarros, que integram um cenário: um conduto com asfalto, que têm objetos, como um orelhão, um canteiro e um viaduto habitado por mendigos confundidos com os detritos, o lixo é singularmente narrado; o poeta enuncia a realidade do que vê.

Os pormenores com os quais o poeta descreve o lixo estão a cargo de um olhar o mundo como um *flâneur*, que mergulha na subjetividade desterritorializada, percebendo visualmente as singularidades que escondem no visível, ou seja, atentando para o que existe (o belo) e para o que é absurdo (o feio), como o próprio poeta na segunda estrofe quando diz da inutilidade do que compõe o lixo: “aquilo/que não mais/se considera útil/ou propício” (v. 5-8).

Talvez, podemos entender como lixo o que não tem utilidade e, para alguns, o que não tem serventia no cenário cosmopolito, ou seja, o que não atrai os olhos para a beleza. No entanto, no poema descrito, o próprio lixo pode ser um luxo, se considerado não somente como ele aparentemente se mostra. Enquanto um descarte por alguns, ele ainda serve como subsistência para outros, pois muita gente tira dele o próprio sustento como fonte de renda em reciclagem e também como alimento. Então, o que é inútil torna-se útil e o lixo torna-se luxo.

Segundo Baudelaire (1996, p. 10), em oposição ao considerado como belo absoluto, o adjetivo

é constituído por um elemento eterno, invariável cuja quantidade é excessivamente difícil de determinar, e por um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão.

Podemos entender, com tais proferidos do poeta, que a beleza também está no presente, por ser algo tão próximo, cujo encantamento está no conjunto de uma época, ou seja, o belo sempre está presente em uma época, invariavelmente.

A parte da beleza só está manifestada de acordo com a visão de quem a enxerga, então, o autor deixa claro que o produto do homem é variável com base na perspectiva do mesmo, quando diz que “a dualidade da arte é uma consequência fatal da dualidade do homem” (BAUDELAIRE, 1996, p. 11).

Para além da sujeira do mundo, Bonvicino mostra-nos em seus versos a serventia de enxergarmos o supérfluo como belo e desmitificarmos a cultura erudita que ainda habita nossas mentes.

Também, podemos ler tal poema com um caráter de denúncia que, na última estrofe, delata: “lixo consentido/agora sob o viaduto/onde se confunde/com mendigos” (21-24), mostrando-nos, atentando-nos que ninguém vê os mendigos com olhos de

quem deve enxergar que eles são as vítimas da grande metrópole, que cultivam detritos como subsistência dos miseráveis.

3 Considerações finais

De forma sensível e verdadeira, podemos sentir, na poesia de Bonvicino, o mundo, o cotidiano, o existente, o corriqueiro, a vida passante, o que nos dá a sensação de completude, de existência das coisas, cujo papel é a rua e a caneta, os olhos.

Para o poeta, a forma de um poema, a métrica, é o que menos importa, tendo relevância o conteúdo e a mensagem que este passa ao leitor.

A criatividade de Bonvicino está no viver, no se expressar com criatividade que resulta em possibilidades interpretativas, além de elucidar a todas as possíveis camadas da linguagem. Com semânticas que transcendem a racionalidade, evidencia, com seus versos, imagens naturalizadas materialmente.

Portanto, o poema aqui lido demonstra um pouco a realidade racional das coisas, a transitoriedade dos fatos, da vida cotidiana, cujo autor nos mostra o tempo presente da vida capitalista, o modernismo.

Segundo Hansen (2010, p. 555), Bonvicino não é um poeta utópico, é moderno porque

insiste na inutilidade negativa da sua arte que faz dos ossos de sépia e ossos de borboleta e flores artísticas e ptyx e rosas saxífragas e abolidos bibelôs e tutameias de nonadas da tradição moderna e de outras representações a matéria da sua liberdade poética.

Em suma, podemos dizer que Régis Bonvicino é um poeta baudelairiano, pois não fora “instruído”, é independente; é um *flâneur* que escreve o feio, o duro, o difícil, o horror contido em um cenário modernizado pelo crescimento urbano e industrial, com movimentações demográficas e avanços tecnológicos que marcam as novas culturas.

O novo mundo pede um novo olhar, necessário para o novo homem, para que ele próprio possa entender tantas transformações. E o poeta moderno/contemporâneo é um dos olhares que surge com a modernidade, sendo esta uma ferramenta de um novo artista que se inscreve com um novo olhar sobre a multidão – o *flâneur*.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/sergioalcides/baudiepintor.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2018.

BONVICINO, Régis. *Até Agora: poemas reunidos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

HANSEN, João Adolfo. Posfácio In: BONVICINO, Régis. *Até Agora: poemas reunidos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

COZER, Raquel. *A poesia para o papel de Régis Bonvicino*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-poesia-para-o-papel-de-regis-bonvicino-imp-,651852>>. Acesso em: 30 out. 2017.